

# CULTURA AFRICANA: DO VELHO E DO NOVO; OS ANOS 90

Femi Ojo-Ade

Trad. Ieda Machado Ribeiro dos Santos

*Podemos ainda achar nosso caminho para os ancestrais que são uma parte vital do nosso humanismo.<sup>1</sup>*

*A nossa religião merece o mesmo respeito que qualquer outra. Se existe homem que adora santo de madeira feito por ele, eu adoro a pedra, o santo negro que é a natureza.<sup>2</sup>*

*O Candomblé é uma religião e não um folclore.<sup>3</sup>*

*Ferva a cabeça de um cristão e a cabeça de um muçulmano durante uma semana, não se misturarão nunca.<sup>4</sup>*

## Introdução – Cultura africana: do velho e do novo

Antes de mais nada, cultura está sendo definida aqui no seu sentido mais amplo, como a essência de uma comunidade, o elemento que faz pela sua existência na Mãe Terra. Citando uma comunicação minha anterior: “O modo pelo qual as pessoas vivem é sua cultura, a totalidade das suas crenças, códigos de conduta, técnicas, todos os elementos necessários à existência e sobrevivência em uma estrutura social”.<sup>5</sup>

Cultura é todo um modo de viver, incluindo o material, intelectual e, sobretudo, o espiritual. De fato, no que diz respeito à África, opiniões sobre a essência cultural têm, por demasiado tempo, flutuado entre os dois extremos, a noção da nulidade, por um lado, e a afirmação absolutista da sua qualidade quintessencial, do outro. Naturalmente, depende da opinião expressa. Num lado, os conquistadores, todo-poderosos colonizadores, e sua obstinada missão civilizadora, firmemente decidida a reduzir o *ethos* africano às reações

<sup>1</sup> Ezekia Mphahlele, *Afrika my music*, Johannesburg, Havan, 1984, p. 209.

<sup>2</sup> A saudosa Mãe Menininha, de Salvador, Bahia, em entrevista publicada em *A Tarde*, 18 out. 1987, no artigo “A luta pela libertação”, cad. 2, p. 2.

<sup>3</sup> Mãe Stella, de Salvador, citada no artigo “Folclorização do culto preocupa ialorixá”, *Tribuna da Bahia*, 16 out. 1987.

<sup>4</sup> Declaração de general francês do século XIX, citado em Christopher Harrison, *France and Islam in West Africa*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988, p. 73.

<sup>5</sup> *On black culture*, Ile-Ifé, Obafemi Awolowo University, 1989, p. 4.

instintivas dos selvagens. Do outro lado, infelizmente, como uma reação à agressão do outro, estão os defensores da África, proclamando uma espécie de monolito paradisíaco ou melhor, idílico.

Se o primeiro ponto de vista é escandalosamente falso e racista, o segundo não é menos escandaloso na sua natureza simplista, superficial; porque ambos, na realidade, terminam por alcançar o mesmo objetivo: provar que a cultura africana é exótica, fora-deste-mundo, carente de dinamismo para se adaptar a qualquer cultura vivente. Pode soar inacreditável, mas, na verdade, os próprios africanos têm, conscientemente ou não, ajudado e propiciado a situação, passada e presente, de confusão e degradação cultural.

*Muitos africanos não sabem, ou se recusam a reconhecer que seus ancestrais tinham uma religião antes da vinda do colonizador.*<sup>6</sup>

A história nos colocou em desvantagem e, em vez de procurar virar a mesa contra o opressor, muitos de nós têm escolhido o caminho mais fácil, tentando galgar a escada qualitativa erigida pelo que se diz civilizador. É desta posição de desvantagem e de desprivilégio, de despossuídos e de pobres diabos, que somos compelidos a encarar o mundo, sempre em comparação com o Outro, considerado superior. Assim, *velho* é definido como arcaico, retrógrado, estéril, inferior, miserável, primitivo, feio; e o *novo*, como avançado, bonito, excepcional, infalível, proeminente, universalmente superior. Que seja testemunha a concepção de *tradição* e *modernismo*: a primeira é supostamente um estado quase bestial e o segundo um contínuo processo de descobertas maravilhosas e invenções pelos seres superiores, correndo, cada vez mais próximos, em direção aos deuses estabelecidos longe da África. Contudo, na África, velho conota sabedoria e profundo conhecimento, respeito, gentileza, comunidade e continuidade. Nesta conjuntura, o novo não é desrespeitado. Sua potencialidade para o progresso e para o aperfeiçoamento do velho é reconhecida, e sua contribuição para a sobrevivência da comunidade é bem recebida. O velho e o novo devem, pois, caminhar juntos, cada um dando e recebendo do outro, no perfeito reconhecimento de que somente esta reciprocidade e compromisso farão com que a cultura sobreviva e cresça.

Agora, se examinarmos um pouco mais as definições de velho e novo impostas sobre nós, veremos que elas abrangem a totalidade da nossa existência. Abordaremos dois aspectos nesta discussão, o nacional e sócio-político e o religioso. Os filhos de África, levados

<sup>6</sup> Ojo-Ade, op. cit., p. 98.

através do oceano para a diáspora, foram levados a crer na mentira de que suas vidas no Novo Mundo seriam muito melhores do que no Velho. Vários estudos sobre a escravidão<sup>7</sup> demonstraram que uma das inumeráveis invenções desafricanizadoras era a propaganda sobre a selvageria continental; o escravo teve a chance de se tornar civilizado enquanto que o africano, deixado na África, era destinado a morrer na sua selva, devorado pelos animais ou pelos seus companheiros de selvageria. Mesmo anos depois da abolição da escravidão, muitos africanos do Novo Mundo temiam ser classificados como africanos, não obstante os *slogans* de africanidade.

Aquilo que o poeta martinicano Aimé Césaire lamentava sobre as relações Caribe/África, em 1972, é ainda verdadeiro hoje, uma terrível complementação da civilizada desumanização da raça negra pela Europa. Essencialmente, temos que reconhecer que a Inglaterra está eternamente presente na mente dos seus ex-colonizados, enquanto que a imagem da França está gravada indelevelmente na mente dos seus protegidos francófonos. Eis a declaração de Césaire:

*Não há, absolutamente, nenhuma diferença entre a educação dada na Martinica e a que é dada na França. É exatamente o mesmo programa (...); não há tentativa alguma de adaptação... Conseqüentemente, os caribenhos sabem da África o que os franceses sabem da África. Naturalmente, desde então, novos laços foram estabelecidos; martinicanos foram à França, encontraram algerianos, conheceram africanos...*<sup>8</sup>

Enquanto se pode concordar com Césaire que houve alguma mudança para melhor, nota-se, tristemente, que tal melhoramento permanece esporádico e superficial, restrito, como é, a nós, da entrincheirada classe média, que goza do privilégio de viajar pelo mundo inteiro, para encontros que ocorrem nas capitais da civilização. Muito da culpa pela falta de laços culturais deve ser posta nos africanos, uma vez que, em nossa cultura, cabe aos mais velhos dar o primeiro passo e o exemplo a ser seguido pelos mais novos.

Se as condições sócio-políticas são lamentáveis, as realidades religiosas são ainda piores, pelo menos a nível oficial. Tanto na África quanto na diáspora, a Cristandade é particularmente forte e, de mãos dadas com o Islã, escravizou a mente da maioria das pessoas. A religião, isto é, o espiritual, os assuntos da mente, a psicologia da sociedade, sua fonte de força, deve ser vista da perspectiva

<sup>7</sup> Por exemplo, vide Michael Craton, *Testing the chains*, Ithaca, Cornell University, 1982; C.L.R. James, *The black jacobins*, slp, Vintage Books, 1963.

<sup>8</sup> Apud L. Kesteloot & B. Kotchy, *Aimé Césaire, l'homme et l'oeuvre*, Paris, Présence Africaine, 1973, p. 224.

dos africanos, para que tenha algum sentido. Hoje, a religião, como um aspecto da cultura, tornou-se a vergonha da África. No debate cultural global, nossas religiões têm sido invalidadas pelo fracasso dos nossos expoentes em viver a sua cultura, e não estamos poupando nenhum desses falsos apelos políticos, feitos frequentemente por líderes mentirosos, dos palanques ou dos palácios presidenciais. Na África, a religião sempre foi um fato básico da vida. As forças invasoras da civilização, a despeito da sua tendência a chamar de selvagens todos os povos que rejeitassem o seu Cristianismo, reconheceram a presença da fé e da adoração entre suas vítimas. Nas cerimônias e nas festividades, em ocasiões especiais ou cotidianas, a solenidade da religião é notável. O tema a ser tratado é muito perturbador e potencialmente perigoso para qualquer possibilidade que tenhamos de salvar a nossa cultura. O que aconteceu com a África marcada pela fé ancestral em Deus e no ser humano? Serão os crentes em nossa Tradição meros retrógrados da Idade da Pedra? Quais são as perspectivas para o futuro?

Nenhuma ocasião é mais oportuna para discutir o assunto total do nosso dilema cultural que este Congresso, ocorrido quase uma década depois do memorável início em Ile-Ifé (1981), uma década (1990) antes da raça humana entrar num novo século, e em São Paulo, centro maior de uma vasta comunidade de filhos exilados de África. Embora estejamos aqui para celebrar, devemos lembrar que, dentro da cultura, a celebração vai além da dança e do exibicionismo folclórico; que é, de fato, um tempo para reflexão e para nos reenergizarmos, como foi, para a miríade de ameaças que devemos encarar, de dentro e de fora, sabendo que já percorremos um longo caminho, mas que há muito, ainda, a percorrer. "O Candomblé", como diz Mãe Stella da Bahia, "é uma religião e não um folclore".

### **Cultura africana no continente: a religião como um símbolo da mentalidade neocolonial**

Na África de hoje, o contrário é, contudo, verdadeiro. Não apenas as religiões africanas viraram arenas de exibições superficiais, mas de cenas vergonhosas, e os perpetradores e causadores desta vergonha são, na maioria das vezes, africanos e não, estrangeiros. A África é mais cristianizada que os países cristãos originais e mais islamizada que os servos originais de Maomé. Os locais de adoração, na África, das divindades dos ex-patrões, são mais gigantescos que as basílicas em Roma; mais mirabolantes que a mesquita de Meca. O fanatismo

é comum em ambos os lados do moderno campo de batalha; se você não é uma coisa ou outra, então você é um pagão, e infiel condenado a arder e ferver no inferno. A citação usada no início desta comunicação mostra o obscurantismo embebido nos fanáticos, quer cristãos quer muçulmanos, competindo pela alma de África. Não há dúvida que o civilizadíssimo general francês que fez esta grande observação no século XIX, queria afirmar o grande abismo que separa os cristãos, no seu céu, dos muçulmanos, estabelecidos no seu inferno incivilizado. Não obstante, o grande e oco general talvez não desconhecesse a possibilidade e a necessidade de negociações quando surgiu a questão da sobrevivência; as duas cabeças ferventes não se importaram de caminhar juntas para destruir, devorar, uma terceira, a cabeça africana. Além disso, as cabeças ferventes continuam a dividir o mesmo pote, mesmo que isto ocasione muita tensão, ameaças, hipocrisia e ódio, até alcançar um compromisso. No verdadeiro espírito das religiões cristã e muçulmana, as duas cabeças são mais importantes que o pote!

Em nenhuma parte da África, foi afirmado categoricamente que as religiões africanas têm o direito de existir. Mais direito do que qualquer dogma importado, com uma política flagrante de exploração do hoje, enquanto induz o povo a pospor sua felicidade para um amanhã desconhecido, num paraíso do outro mundo. Quando as discussões sobre religião são mantidas, o Cristianismo e o Islã permanecem no alto, a Cruz lutando contra o Crescente pela dominação dos céus ensolarados, como se o povo não tivesse inteligência, nem costumes, antes de que lhe fosse dado de presente o Corão ou a Bíblia.

O problema não reside apenas na oficialidade. É muito uma doença de indivíduos, muitas vezes, indivíduos importantes, isto é, aqueles cujo dever (uma questão, temos que observar, de circunstâncias e condições) é representar o povo, a massa. Ser educado torna-se ser cristão ou muçulmano, ou assim parecer. Compreendemos que algumas poucas almas corajosas, fiéis à sua herança, proclamem sua situação de filhos de Olorum, e crentes em Ifá, mas a maioria não faz mais que esconder. Se estes consultam os orixás, em reconhecimento à indispensável influência do seu ori, em qualquer coisa que façam, isto é feito às escondidas. Durante o dia eles enterram suas cabeças na Bíblia ou em seus rosários (enquanto, naturalmente, mantêm suas mentes no dinheiro que lhes pode advir da sua religiosidade!) para provar que não são pagãos. Nesta platóia devem estar muitos que, na sua primeira visita à África, ficaram chocados pela superabundância de igrejas e mesquitas, com os templos tradicionais quase que invisíveis.

Se indivíduos importantes, intérpretes<sup>9</sup> do mundo africano, são culpados de alienação cultural, outros, mais próximos das suas raízes, devido à sua falta de afinidade com os mestres ocidentais, não são totalmente isentos de culpa. Numa sociedade onde o materialismo está em voga, principalmente em períodos de massacre econômico, o fanatismo religioso tende a tornar-se mais forte do que nunca. As pessoas correm desesperadamente para o padre, em busca de socorro e salvação, uma vez que se sentem esmagadas pelos traumas da vida. Assim, surgem os camaleões e os vigaristas. É a nova cultura da moeda sonante, o enverdecer da África com as notas de papel como bandeira nacional e passaporte para o paraíso. Messias e salvadores, velhos e novos, se congregam para conquistar suas frágeis vítimas. Felizmente, por força do número e do condicionamento, os seguidores da Tradição não exibem a mesma temeridade que os outros, filhos civilizados da terra, neste enverdecer da África. O fato perturbador é que eles existem, adivinhando mentiras, cantando falsidades, avançando na cegueira ao invés de na luz. Como afirma Wande Abimbola no seu trabalho seminal:

*O culto de Ifá consiste em sacerdotes de Ifá que se submeteram a longos e rigorosos anos de treinamento e que foram iniciados no culto (...) O treinamento de Ifá representa um exemplo único de esforço e persistência humana. Há poucos exemplos da atividade humana que exijam tanta perseverança, física, psicológica e mental.*<sup>10</sup>

Em suma, é necessário um caráter extraordinário para que alguém se torne um verdadeiro babalaô, e não alguns dias abrigado num templo, aprendendo a tornar-se um adepto, jogando cocos de dendê ou correntes e cantando uns poucos poemas. Ser um sacerdote leva uma vida inteira num processo de educação, uma questão de aprender e ensinar, e uma constante troca de conhecimentos.

Considerando que o culto de Ifá é uma sociedade secreta, as práticas perpetradas pelos falsos sacerdotes tornam-se mais irritantes; porque eles não apenas causam vergonha a si mesmos, como indivíduos, mas inconscientemente contribuem para o aviltamento da cultura pelos estrangeiros. O sacerdote, temos que nos lembrar, exerce um papel essencial nas vidas das pessoas. Ao mesmo tempo, um médico, um psicólogo e fonte de força em tempos de tragédia, ele ou ela é um elo entre os vivos e os mortos, um médium para

<sup>9</sup> "Intérpretes" usado no sentido de "classe média, intelectuais, burguesia", de Wole Soyinka, *The interpreters*, slp, Heinemann, 1965.

<sup>10</sup> *Sixteen great poems of Ifa*, Paris, Unesco, 1975, pp. 6-8.

as divindades, em suma, um mensageiro do próprio Deus Todo-Poderoso. Em certos países africanos, entre eles a Nigéria, mesmo a elite mais ocidentalizada reconhece a qualidade dos sacerdotes genuínos, especialmente quando começa a compreender cada vez mais, que o Ocidente não tem todas as respostas para nossos complicadíssimos problemas humanos. O que não significa que os falsos sacerdotes devem proliferar em cada esquina. Ao contrário, todo o esforço deve ser feito para determinar a qualidade dos espécimes raros, e isto com a consciência de que eles estão desaparecendo rapidamente, deixando este mundo para juntar-se aos ancestrais, e que os novos africanos dificilmente estarão interessados em adquirir tal conhecimento, embora adorem poder usá-lo.

### **A diáspora: a longa jornada de volta**

Entre as vítimas do charlatanismo encontramos africanos da diáspora. Contudo, antes de examinar sua situação, deixem que eu me congratule com todos eles por provar que nosso povo pode, de fato, voltar para a sua terra. Cada tradicionalista de Salvador e de São Paulo, de Cuba, da Costa Rica, do Peru, de Trinidad e Tobago, de Nova York ou Nova Orleans, onde quer que haja um passado de escravidão, é um símbolo de vitória contra o escravizador. A Religião Africana foi sancionada oficialmente em Trinidad, um fato para imensa celebração. Mas um desafio também, para outros, na África ou na diáspora. Parte do desafio é manter a autenticidade e evitar as armadilhas vistas no ambiente africano. Poupadores, elementos do complexo ocidental; sacerdotes feitos da noite para o dia; salvadores espúrios; estes são alguns dos cuidados que devem ser aconselhados à diáspora. A África está fisicamente muito longe dos seus filhos que vivem no exterior, mas deve se tornar próxima, muito próxima, espiritualmente. O que não significa que políticas e práticas contraditórias devam ser encorajadas.

Além disso, o perigo de folclorização é talvez mais forte na diáspora que na África. Com a tecnologia ocidental, a televisão e o cinema, e a música, elementos do modernismo, em busca da diversão exótica, estão todos prontos para explorar nossa cultura. Origina-se do conceito ocidentalmente deformado da nossa cultura: os augustos visitantes da civilização todo-poderosa, com suas eternas câmeras e gravadores, assistem a cerimônias, onde deveria ser permitido o seu testemunho. Quando a saudosa Mãe Menininha se queixou em 1985 sobre a falta de respeito para com as religiões africanas e Mãe Stella

afirmou, na mesma ocasião, que “o Candomblé estava decadente”, ambas estavam conscientes do que estava acontecendo e de como isto era um mau presságio para a religião. Citemos a entrevista dada pela venerável ialorixá: “Muitos pais e mães-de-santo, em troca de favores pessoais ou em busca de fama, abrem e revelam segredos sagrados da religião, deixando que pessoas estranhas à fé se apropriem e interpretem aleatoriamente conhecimentos que os iniciados levam anos para conquistar” [art. cit.].

Estas *peessoas estranhas*, eu tomaria a liberdade de interpretar, não são meramente pessoas de outras terras, mas essencialmente os *de fora* da religião, isto é, os que estão interessados no exotismo ou na pesquisa. É bastante interessante que atividades desonestas do mesmo porte sejam repetidas no continente africano.

### **Intellectualismo, mal da cultura africana**

A questão então surge quanto à relação entre a religião e o pesquisador, um assunto urgente principalmente desde que a noção de segredo é predominante para a autenticidade da cultura. A situação se torna ainda mais difícil dada a noção de abertura inculcada no intelectualismo. A procura da verdade, sua divulgação, a divulgação de toda e qualquer informação para o público, são atividades notáveis pela causa do Progresso. O intelectual se aborrece um pouco com as fortes possibilidades de confusão cultural e conflito, dessacralização de templos sagrados, o assassinato da própria cultura que ele ou ela está supostamente tentando salvar, através da pesquisa, da extinção.

A própria condição social do pesquisador é perniciosa para a religião. Ele ou ela é o burguês(a) privilegiado(a), possivelmente faminto(a) de promoções na sua profissão; ou satisfeito(a), gozando de alta reputação, que precisa manter continuamente, através de novas conquistas. Seja como for, o pesquisador está muito distanciado dos que fazem a cultura que ele ou ela tenta explorar. Não importa quanta empatia possam ter, não são convincentes como estudiosos comprometidos com a fé. Os pesquisadores continuam a ser modernistas, mantendo-se à frente da Tradição. Este conflito básico é um dilema que deve ser considerado, quando olharmos, adiante, para o futuro. Para cada observador genuíno da Tradição Africana, há milhares de exploradores inescrupulosos que, fingindo beber do poço da sabedoria, mascaram sua atitude de ladrões secretos do poço seco, de modo a construir um artificial no seu quintal,

instalando-se, pois, como especialistas na fé, querendo ser capazes de se tornarem modernas divindades, caso Olodumaré se decida a apontar um novo orixá! As cenas de hoje lembram as imagens do nosso triste passado: os novos patrões vieram subitamente do exterior, sacudindo espelhos e revólveres ante os nossos arroçados chefes que, inebriados pelas bebidas baratas, entregaram a sua herança. Hoje, como então, os pesquisadores usam truques baratos para estimular e conduzir os incautos anfitriões a vender seus segredos por uma ninharia ou, muitas vezes, a revelá-los a troco de nada. Armados dos seus prêmios conseguidos desonestamente, os pesquisadores publicarão seus achados e progredirão, enquanto que os pobres religiosos vão perecer no purgatório preparado para eles pelos espertos intrusos.

Os mais temidos desses *experts* são, sem dúvida, os antropólogos profissionais. Nada de surpresas aqui, porque os mais zelosos africanistas não se poderiam imaginar no mesmo nível que os selvagens da África. Tomaremos só um exemplo, Leo Frobenius, o famoso alemão cujos documentos sobre a África são muitas vezes citados por nossos mais respeitadas líderes culturais. Frobenius visitou Ile-Ifé e se maravilhou com a obra-prima, sagrada, do Olokum. Ele se entusiasmou:

*Profundamente tocado, eu fiquei alguns minutos ante o remanescente do antigo Senhor e Soberano do Império de Atlantis. Meus companheiros não estavam menos atônitos. Como se tivéssemos combinado, ficamos quietos. Então olhei em redor e vi – os negros – o círculo de filhos dos “veneráveis sacerdotes”, sua Santidade e os amigos do Ori\* e seus inteligentes oficiais. Eu estava inclinado a uma melancolia silenciosa, ao pensamento de que esta assembléia de degenerados e sua posteridade de débeis mentais seriam os legítimos guardiões de tanta beleza.<sup>11</sup>*

Não admira que Frobenius e outros visitantes da civilização tenham decidido saquear a África dos seus tesouros culturais. E nota-se com desgosto que os grandes homens só podiam imaginar o Olokum pertencendo a alguma época mítica, não à verdadeira África.

Wole Soyinka, o africano laureado com o Prêmio Nobel, de quem a citação acima foi tomada emprestada, lista diversos outros exemplos do estúpido complexo europeu. O que deve continuar a entristecer qualquer africano bem pensante é que os próprios africanos, aparentemente, não vêem a necessidade de esbofetear a desavergonhada face da civilização e retomar os nossos tesouros roubados.

\* Rei, na tradição iorubá (N.T.).

<sup>11</sup> Citado em Soyinka, “This past must address its present”, discurso do Prêmio Nobel, PMLA, v. 102, n. 5, oct. 1987, pp. 770-771.

## Humanismo africano: o exemplo sulafricano

O discurso de Soyinka é a declaração do Nobel de 1986, e nossa referência a ele é deliberada. Soyinka, filho de Ogum, e recebedor do que talvez seja o mais prestigioso prêmio cultural da civilização ocidental, decidiu discutir a tragédia da África do Sul, que, no sentido mais humano, é a degradação da cultura africana. Desde esse dia glorioso, muitos ficaram a se perguntar por quê. A meu ver, a ação de Soyinka se constitui num exemplo moral da eterna ligação entre a literatura e a vida, assim como da indestrutibilidade da comunidade e da cultura africanas. Mais importante ainda, e isto deveria ser uma continuação do exemplo do laureado, eu vejo a África do Sul como símbolo único do nosso sofrimento e, como veremos muito breve, exemplo pungente de onde a nossa cultura pode nos levar.

Escolhi dois escritores da África do Sul, Farida Karodia e Esekia Mphahlele para enunciar o que este último chama de Humanismo Africano. O que estes dois artistas afirmam categoricamente é que, para que os africanos sobrevivam verdadeiramente, em particular neste caldeirão de bestialidade e opressão lá embaixo, no Sul, precisamos restaurar a cultura africana, inclusive a religião, no seu lugar de glória. No seu conto "Coming home", Karodia narra a saga de uma família destruída por suas várias experiências com a África do Sul do *apartheid*. O pai vai embora depois de matar um branco que o provocara e humilhara; dos trinta anos de exílio, ele passa dezoito na prisão. Deixa sua esposa, Mama, a criar os filhos. Exibindo força extraordinária, Mama prova ser, não apenas uma grande mãe mas também um membro respeitável da comunidade. Enquanto os filhos detestam o pai, ela permanece conciliatória, mesmo que o homem não mereça nenhuma consideração.

O que nos interessa aqui é a origem da força de Mama: sua crença nos ancestrais e absoluta rejeição ao Cristianismo. De fato, a história parodia práticas cristãs, revelando a hipocrisia profundamente enraizada e sugerindo que os filhos de Mama guardam ódio no coração por causa da vida, dita civilizada, da cidade. A filha, Sissie, tornou-se, de fato, missionária em Botswana, o que, contudo, não lhe traz nenhum sentimento de perdão ou compreensão para com o seu pai. Mais uma vez (cf. meus antigos trabalhos sobre a influência das religiões estrangeiras na África e nos africanos, por ex., *On black culture*), a experiência demonstrou que a teoria do amor, pregada pelo Cristianismo, não é traduzida pela realidade dos fanáticos que preparam o fogo dos infernos para qualquer não-aderente. Na verdade, o amor se transforma em ódio. Em suma, o

cristianismo tem muito o que aprender com os africanos e sua cultura, baseada no verdadeiro amor. No que diz respeito a Mama,

*Ela não acata os ditames da Igreja. Ela diz que a Igreja é como um palco para todos os maiores pecadores do mundo. Bebendo e fornicando na sexta-feira, chegando em casa bêbados no sábado para bater em suas esposas e filhos. Então, depois de toda esta bebedeira, no domingo, palpitando de vida, estes mesmos pecadores sobem pelas paredes, com religioso fervor.*<sup>12</sup>

Bastante significativo, é o velho e condenado pai de família, o suposto pagão irremediável, que retorna à cidade para salvar a vida de seu neto, quase assassinado numa batida policial. Então, ele finalmente ganha a piedade do filho e alguma forma de compreensão. Nenhum dos fervorosos e fiéis cristãos da vizinhança tem as qualidades humanas vistas em Mama e, de fato, em seu marido. Agora, Mama tem a habilidade única de se comunicar com a natureza, com seus ancestrais. Sua figura projeta uma sombra gigantesca sobre tudo, como um carvalho, quase indestrutível e constante, erguendo-se, alto, a mãe de uma nação, que precisa desesperadamente preservar suas raízes ante as ameaças dos invasores. Enfatizamos que a figura é *quase* indestrutível porque a própria Mama sente que seu tempo poderá terminar brevemente; ela diz ao filho: “Posso não estar aqui por muito tempo”.<sup>13</sup> Sua premonição da morte é a voz dos velhos africanos chorando pelos jovens, para que voltem à sua terra. Infelizmente, contudo, estes últimos, perdidos na euforia do modernismo, muitas vezes se recusam a olhar para trás. Ao menos, o jovem protagonista da história de Karodia fica para trás, para refletir sobre sua vida. Citamos:

*Olhando em redor, eu me dei conta, com um pavoroso sentimento de desespero, que nunca poderia romper os meus laços com este lugar. Sempre que eu pensava na minha terra, não eram as luzes da cidade mas as imagens das savanas e dos parreirais, as montanhas, os crepúsculos brilhantes e as noites estreladas, que vinham à minha mente. Eu sabia, a despeito de toda a angústia que o lugar me provocava, que ele me atrairia de volta cada vez mais. Olhei para trás. Papai ainda estava lá, de pé, sozinho com a sua bengala, observando.*<sup>14</sup>

Se a história de Karodia é marcada por ambivalência e desespero irritantes, tal não é o caso de *Afrika my music*, a mais recente autobiografia de Esekia Mphahlele. Depois de passar vários anos no

<sup>12</sup> *Coming home and other stories*, Heinemann, 1988, pp. 63-64.

<sup>13</sup> *Op. cit.*, p. 66.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 7.

exílio como um nômade, na África e nos Estados Unidos, o escritor e professor sulafricano resolve voltar para o seu país, para espanto de muitos. Ele até atraiu a ira de africanistas americanos que, de certo modo, o baniram do seu círculo. Seu nome tornou-se tabu, quando foi acusado de ser um colaborador, um traidor e *persona* absolutamente *non grata*.

Não obstante, Mphahlele provou, acima de qualquer dúvida, que está longe de ser um colaborador. É um verdadeiro africano, que aprendeu nas suas diversas estadas em países africanos – e em outros lugares, também – e que usa este aprendizado como trampolim para o renascimento espiritual da cultura africana e da sua contribuição. Ele declara:

*Eu era agnóstico quando parti em 1957. Hoje sou um humanista africano confirmado. Eu já disse que a África Ocidental me deu a África de volta. A diferença entre eu e os humanistas ocidentais é que eu valorizo a crença africana num ser supremo como uma força vital, uma presença dinâmica em toda a matéria orgânica e nos elementos, no homem, quando os do mundo ocidental sentem-se pouco à vontade com a crença no sobrenatural, e desmentem as religiões africanas como “mágica”. (...) A base das religiões tradicionais africanas reside no âmbito das relações sociais na ação entre os outros, no contacto contínuo entre nós e a natureza que nos cerca, através dos espíritos dos ancestrais. (...) O humanismo africano é inclusivo e não exclusivo.*<sup>15</sup>

A metamorfose espiritual e psicológica descrita acima é, sem dúvida, de interesse para os milhares de exilados que fogem, precipitadamente, da África, hoje em dia. Da alienação no mundo ocidental à reintegração no humanismo africano, a jornada é tortuosa, irônica e muitas vezes ilógica. Porque a lógica pode pedir que a criança encontre socorro nos braços de sua mãe como o lugar natural para o respirar da vida e o calor do amor; contudo, é verdade que o amor negado e a vida recusada na pátria podem ser descobertos através de um complicado processo de alienação e autodescoberta, lá fora. No caso de Mphahlele, a Nigéria forneceu o fundamento, com o humanismo dos orixás, enquanto que a América lhe deu o incentivo com o materialismo atormentador que finalmente mandou o escritor africano embora e de volta para sua terra. O que muitos chamaram de covardia em Mphahlele é, portanto, um exemplo especial de coragem.

A coragem do ser humano é casada com o altruísmo do pesquisador. Assim, Mphahlele passa seu tempo recordando e interpretando para a posteridade a poesia e a sabedoria dos habitantes do campo,

<sup>15</sup> Op. cit., pp. 249-250.

trabalhando principalmente com seus alunos porque está convencido que, sem esta firme ação, os jovens estarão perdidos para sempre, para a cultura africana. Este tipo de pesquisa, de dentro, por assim dizer, sem outros propósitos posteriores e sem desejo de autoglorificação ou vanglória, é o que a cultura merece e precisa neste período crucial. Encontrando nosso caminho para os ancestrais, obteremos a genuína liberdade. Não mais peças do jogo executado pelos políticos adornados dos mais diversos enfeites ideológicos, seremos capazes de forjar um laço significativo entre irmãos e irmãs que estão espiritualmente separados há demasiado tempo. A crença de Mphahlele nos seus ancestrais o colocou acima das maquinações sem fundamento e dos fanáticos esquecidos por Deus. Seu exemplo se destaca e deveria dispensar as nossas felicitações. Em vez de propagar doutrinas emprestadas que não fazem mais que encorajar a boa fortuna e alimentar o complexo de superioridade dos estrangeiros, o sulafricano nos pede: “que nos conheçamos, e ao nosso continente através de um estudo da história da África, do estudo da sua religião, da sua cosmologia, da sua literatura e das suas artes, antes que busquemos o conhecimento das outras áreas do mundo”.<sup>16</sup>

Naturalmente, chamados iguais já foram feitos antes, muitas vezes. Mas nessas ocasiões os oradores dificilmente eram sinceros: eles estavam, ao mesmo tempo, bebendo e jantando nos bairros coloniais, ou se ajoelhando e se curvando ante a Cruz e o Crescente, do alto, donde estavam latindo ordens para o seu público estupefato, lá embaixo.

O desafio para o pesquisador não é fácil porque muitos simplesmente não estão querendo privar-se dos privilégios. Imaginemos a dicotomia entre a literatura escrita e a tradição oral; entre as religiões estrangeiras e as religiões africanas; entre a educação ocidental e Ifá; entre a cidade e o campo; entre o Ocidente e a África. A cada ponto, o primeiro sempre é visto como superior. Ora, estamos dizendo, categoricamente, que esta situação tem que ser revertida. Em uma palavra, o pesquisador tem que aceitar sua inferioridade ante os depositários vivos de nossa cultura, restaurando, assim, os valores sociais para a nossa comunidade. O pesquisador, o intelectual, tem que ser a voz autêntica do povo.

As religiões africanas têm que se tornar o elemento catalisador da luta sócio-política e econômica. Têm que ser adaptadas às realidades atuais, como o deve ser toda cultura dinâmica. Na África e na diáspora, a religião tem que deixar de ser o asilo dos despossuídos,

<sup>16</sup> *Afrika my music*, p. 209.

inativos na periferia da nossa sociedade. Não devemos esquecer que os *marrons*,\* estes extraordinários revolucionários do tempo da escravidão, usaram as religiões africanas como força para sua luta. De fato, sua capacidade de recuperação foi muito longe, reunindo tantos quanto era possível. E os orixás sempre serviram de exemplo: Xangô, Ogum e outras divindades eram heróis.

### **Cultura africana: os anos 90**

Algumas pessoas aqui presentes notaram, provavelmente, a minha referência à Religião Africana em vez de Tradição dos Orixás. A generalização é um apelo deliberado pela cooperação, como a única forma de consolidar os pontos de vista culturais africanos e dar-lhes uma chance de causar impacto no mundo. Estou inteiramente de acordo com Ezekia Mphahlele, que o humanismo africano é inclusivo e não exclusivo, nem exclusivista. Qualquer um que esteja familiarizado com o nosso modo de viver sabe que muitas regiões têm práticas similares, e a religião não é exceção à regra. Não é surpresa para nós que um sulafricano tenha achado fácil associar-se com as divindades nigerianas. Recordo o livro do queniano John S. Mbitis sobre religiões africanas e a maneira pela qual foi usado pelos “especialistas”, para atirar nossa cultura na lama. Não é o que nos interessa, aqui. O importante é que Mbitis sublinha a essência do pan-africanismo e, hoje, um desafio é lançado para cada um de nós: vamos nos juntar em nome dos nossos ancestrais.

A Tradição dos Orixás, por sua própria natureza, é aberta a tal coalizão; porque jamais foi dominadora ou narcisista. Nunca foi xenófoba nem esnobe. Na diáspora, em particular, o orixá conota não apenas as divindades iorubás mas todas as africanas representadas neste tráfico notório entre a África Central e Ocidental. Kibungu, Calabar e outros juntaram-se aos Nagôs para formar uma comunidade religiosa de base ampla. Se tomarmos a Bahia como exemplo, concluiremos que o processo de coalizão só contribuiu para fortalecer a nossa religião, sem nenhuma balcanização desnecessária. Não há dúvida que Ifá está entre as religiões mais firmemente enraizadas na África e o uso muito difundido da palavra orixá e os princípios do culto, são provas suficientes da sua força. Contudo, Ifá jamais quis afirmar sua superioridade e não é senão um aspecto do humanismo total que emana da África e se re-enraizou na diáspora. É realmente

\* Equivalentes caribenhos dos nossos quilombolas (N.T.).

impossível distinguir entre estas várias religiões, e a nossa própria Tradição dos Orixás serviria, por conseguinte, a um propósito muito importante como doutrina centrípeta. A história também tem negado o exclusivismo. O sincretismo, esta palavra muitas vezes mal empregada, tem sido longamente praticado pelos africanos, como coisa lógica de se esperar, para misturar as culturas continentais e não apenas no sentido de esconder as nossas divindades atrás da máscara de catolicismo.

Assim, a este Congresso não está sendo pedido que mude o seu nome, nem está sendo chamado a se desviar dos seus louváveis objetivos. Antes, está sendo desafiado a viver à altura da sua reputação, reputação que mereceu a partir do momento em que se escolheu o nome “orixás”. A lutar pelo respeito, pela liberdade, pelos direitos, por todos os descendentes de África que acreditam no humanismo africano. A garantir que as religiões africanas sejam autenticadas e válidas. A ter como ponto de honra preencher a odiosa lacuna entre os privilegiados e os miseráveis, tendo plena consciência de que os primeiros, mesmo dentro do contexto africano, são desavergonhadamente parasitas, vivendo nas costas do povo. Esta afirmação não tem a intenção de chocar ninguém; afinal de contas eu já havia observado os tristes efeitos da modernização em nossa existência.

Mais uma ilustração da trágica evolução em direção ao modernismo deve bastar. Muitos, possivelmente, ignoram o simbolismo do urubu em Ifá. Abimbola informa que:

*Igún é o pássaro símbolo do sacrifício, daí a invocação “Igún ètié, eléwù ebo” (Igún, apelidado ètié, cujas roupas são um símbolo de sacrifício). Um poema de Ifá diz que “sem Igún, ninguém pode fazer um sacrifício” (...) Os iorubás acreditam que quando um sacrifício é colocado num templo de qualquer divindade, ele não deve ser encontrado intacto no segundo dia (...) Ao comer o sacrifício, Igún ajuda a fazê-lo aceito pelos poderes sobrenaturais.<sup>17</sup>*

O sacrifício é necessário para a sobrevivência e o urubu é, portanto, indispensável elemento catalisador. Não nos bairros modernos, contudo, onde o sacrifício é muitas vezes considerado retrógrado, pagão, selvagem. O urubu também se tornou civilizado, hoje um símbolo da morte, que se alimenta de carcaças humanas. Vamos nos aprofundar um pouco mais neste paradoxo da civilização. Originalmente – e é verdade para aqueles que não querem denunciar a sua herança –, fazíamos sacrifícios para continuar vivos; hoje, os

<sup>17</sup> *Sixteen great poems of Ifá*, pp. 28-29.

fazemos apenas para morrer. De modo semelhante, o urubu ajudava os seres humanos; agora é o predador dos corpos humanos, que assim estão devido ao desumanismo de alguns seres que se dizem humanos. Todo o quadro pode parecer confuso, mas não o deve ser. Sua peça central é a nova cultura de destruição. Vários poetas africanos contemplaram e condenaram este quadro. O urubu ora é humano, ora é negro, predando sobre a sua própria espécie. Os que quiserem ler a respeito podem consultar os poemas de David Diop, Jacques Roumain e Léon Gontran Damas.

O que se deve ter sempre em mente é que o modernismo exacerbou a divisão entre o nosso povo, e o ônus está sobre nós, os congressistas/intelectuais/pesquisadores, de nos tornarmos menos civilizados e mais cultos, no verdadeiro sentido africano. Não apenas devemos nos levantar contra as religiões invasoras; devemos evitar os objetivos fúteis e egoístas. Ironicamente, o potencial para o progresso parece mais real na diáspora do que na África, e esta é uma parte maior da nossa tragédia. Ainda, a luta deve ser declarada em ambos os lados. A re-conscientização da África deverá ser, então, complementada pela reabilitação dos que estão na diáspora.

Especificamente para estes, existe uma real necessidade de harmonia. De práticas. De pessoas. Antes do presente encontro, várias tentativas foram feitas, mas fracassaram por motivos de ordem política, pessoal e psicológica. Não temos que nos estender sobre elas, neste fórum. Basta dizer que nossos líderes deveriam se comprometer, mais uma vez, para criar a harmonia e a unidade. A organização deve se expandir e engajar mais pessoas na causa da emancipação do humanismo africano.

Os pesquisadores que estiverem ouvindo esta comunicação podem estar tentados a sorrir zombeteiramente, irados com o fato de que um deles está fazendo o papel de advogado do diabo. Espero, contudo, que os verdadeiros pesquisadores, comprometidos com a sua profissão, mas ainda mais comprometidos com a cultura, vejam motivo bastante para re-acessar suas posições e *modus operandi*. Além disso, sabemos que Exu, em nossa cultura, não é diabólico; é sua responsabilidade assegurar que as coisas são feitas apropriadamente. Comprometido, o pesquisador se constitui numa fonte de força para a nossa cultura, mas, como sabemos todos, o compromisso desenfatura personalidades e egos, requerendo do indivíduo uma morte simbólica, honrada, de modo a que outros, isto é, a comunidade na qual ele está assimilado, possa viver. Isto é, naturalmente, uma ordem exagerada, uma vez que o grande *slogan* moderno é: cada um por si e Deus (e ninguém sabe onde exatamente ele se

encontra nem, de fato, sabe muito sobre sua identidade) por todos nós.

Muito ainda tem que ser feito no campo da pesquisa. Os pesquisadores podem estudar as línguas africanas nas religiões da diáspora. Quantos adeptos do Candomblé compreendem as canções que cantam? Os velhos que sabem estão morrendo rapidamente. Os pesquisadores podem ajudar a revitalizar os laços inter-africanos e intra-africanos. Quanto é conhecido em África da Santeria cubana, do Candomblé do Brasil e outros? Os pesquisadores nunca deveriam ter permissão para esquecer que “nossa religião merece o mesmo respeito que qualquer outra”.

Mãe Menininha da Bahia fez esta declaração numa rara entrevista dada em 1986, pouco antes de juntar-se aos ancestrais. Sua passagem é significativa porque ela representa a velha brigada dos verdadeiros devotados filhos de Olodumaré. Com ela morreu uma boa parte da Tradição e a lição a ser aprendida é que devemos conservar vivos os laços entre as gerações. Parece que nos tornamos frouxos demais, modernos demais, muito afinados com o novo, deixando que o velho se perca como o homem moderno que manda seu pai embora para um asilo de velhos, porque está ocupado demais cometendo o suicídio materialista. E pensar nos velhos me traz à mente aqueles da diáspora que sonham em fazer uma viagem simbólica, de volta à África, apenas uma vez, para pisar no solo da terra mãe, respirar o seu ar, voltar às raízes. E não estamos falando de safári, não das fantasias tarzânicas dos turistas; não dos desejos arrogantes dos especialistas que estão morrendo de vontade de ir e torcer as realidades do Continente Negro para que se adaptem às suas insignificantes teorias. Estamos preocupados com as esperanças, que estão destinadas, na maioria das vezes, a morrer como num pesadelo. Penso em Eduardo Ijexá, em Manuel Falefá, em Mãe Menininha do Gantois,<sup>18</sup> mortos sem realizar, jamais, os seus sonhos. O Congresso dos Orixás deveria pensar nestas pessoas e considerar como outras, ainda vivas, não morram com apenas uma miragem da África em suas mentes.

Em suma, nossa tarefa, como grupo e como indivíduos é árdua e complexa. Espero sinceramente que deixemos São Paulo mais determinada e mais forte do que nunca, movendo-se em direção a esta década final do século XX disposta a consolidar, cooperar e

<sup>18</sup> Tenho muita gratidão a Ieda Machado Ribeiro dos Santos por me ter fornecido estes nomes, e a ela e a Claudecyr Araújo Amorim (ambas de Salvador) por outras informações sobre as comunidades tradicionais daquela cidade.

construir uma comunidade de humanismo africano. Precisamos eliminar os bolsões de pobreza, as políticas, o comercialismo cultural, o abastardamento das crenças africanas, a cisão entre as comunidades. Através do nosso espírito, da nossa religião, os africanos, junto com a diáspora, podem e devem dar o exemplo de solidariedade e força para a sobrevivência desses filhos adotivos do passado e senhores do presente que perderam muitas oportunidades de reconstruir as pontes quebradas pelos detratores de nossa cultura. Esta solidariedade, amplificada e complementada por esforços similares em outras áreas de nossa existência, será um grande fator de progresso.